O DESENVOLVIMENTO DA FALA EM BEBÊS

ELAINE LIMA DA SILVA

RESUMO

Este artigo se propõe a tratar do desenvolvimento da fala em bebês, partindo dos conceitos do desenvolvimento infantil propostos por Piaget e Vigostski para compreender como se dá a inteligência prática em bebês bem como e esboços de uma fala inteligente como processos do desenvolvimento cognitivo na fase inicial de maturação. Tendo como objetivo compreender os caminhos para se estabelecer a comunicação humana desde os primeiros meses de vida de uma criança e a importância do adulto cuidador nas interações com os pequenos. A metodologia de estudo orienta-se a partir de pesquisa bibliográfica, em que se identificaram contribuições da Linguística, Psicologia, Biologia, Pedagogia, Filosofia e História para a pesquisa em questão. Apresenta-se a relação entre o desenvolvimento cognitivo e a linguagem, a relação entre fala e inteligência prática e as relações sociais. Os resultados deste trabalho indicam conceitos teóricos sobre o humano e a linguagem, a concepção de desenvolvimento infantil, bebês e o desenvolvimento da fala e as contribuições da escola e a prática docente no desenvolvimento das habilidades comunicativas dos bebês. Conclui-se, portanto, que o desenvolvimento da ação comunicativa em bebês prescinde ao domínio da fala, baseia-se nas relações sociais, na função do outro, a princípio no pequeno círculo familiar do pequeno e mais tarde estendendo-se a outras instituições que o bebê venha a frequentar, como por exemplo, a escola. Sendo assim, o humano recém-nascido é dotado de inúmeras potencialidades, o desenvolvimento de uma série de capacidades depende diretamente dos cuidados destinados ao bebê que garantem sua sobrevivência biológica e sua inserção na complexa teia de relações sociais.

Palavras-chave: Linguagem; Fala; Desenvolvimento; Comunicação Humana; Relação.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem como proposta tratar do desenvolvimento da fala em bebês, esclarecendo os processos para se estabelecer a comunicação humana desde os primeiros meses de vida de uma criança e a importância do adulto cuidador, como aquele que entende o bebê como sujeito na situação comunicativa, dando sentido às suas necessidades e criando possibilidades para que o pequeno se expresse.

Para tanto serão abordados tópicos como: o humano e a linguagem, para entendermos seu percurso histórico e filosófico; o desenvolvimento infantil a partir da perspectiva teórica de Piaget e Vigotski, estudiosos que se destacaram na pesquisa sobre o desenvolvimento humano; bebês e a fala e seu processos de desenvolvimento; e por fim, contribuições da escola e seu papel social para a educação de bebês.

Os assuntos em destaque são caros a famílias, educadores, estudiosos e demais interessados em conhecer os processos de aquisição da fala na primeira infância. Este trabalho tem como base a leitura em bibliografia especializada e pretende contribuir com as discussões acerca da ação educativa que compreende bebês e crianças como sujeitos de direito, que precisam ser garantidos e promovidos.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 O HUMANO E A LINGUAGEM

A preocupação humana com a linguagem remonta períodos antigos da história, a princípio por necessidade de documentar passagens ritualísticas (expressas por mitos, rituais, cantos) ou estudar funções gramaticais (descrevendo a língua e modelos de análise) tendo como base a razão. Já na Idade Média, notava-se uma visão mais espiritualista da gramática, como una e universal, independentemente do idioma que representava. Outro marco importante neste contexto foi a Reforma Protestante, que abriu espaço para a tradução de textos em diversas línguas, em detrimento da visão do latim como língua universal.

Nos séculos XVII e XVIII, as teorias retomaram as primeiras preocupações da antiguidade, num contexto em que a linguagem se liga à razão e ao pensamento. Enquanto no século, XIX, o interesse pelas línguas vivas ganha espaço, porém as observações mais filosóficas, dão lugar ao estudo gramatical e comparativo das línguas, valorizando a transformação dos idiomas com o tempo, mudanças incontroláveis e que culminariam, por vezes, no aparecimento de novas línguas, como no caso do latim e sua derivação em línguas românicas ou neolatinas.

No século XX, fica claro que as línguas são aspectos da linguagem, esta, por sua

vez, abrange diversos domínios: fisiológico, psíquico, individual e social. Os estudos do linguista e filósofo suíço Ferdi-

nand Saussure revelaram a língua como um sistema de organização, uma parte social da linguagem e a fala como algo individual, destes pontos, mais especificamente, a tríade linguagem, língua e fala. Os estudos linguísticos dividiram então, língua e fala como inseparáveis e interdependentes "a língua é a condição para se produzir a fala, mas não há língua sem o exercício da fala" (PETTER, 2003, p. 15).

Os estudos do linguista e filósofo norte-americano Noam Chomsky (1980) descrevem as chamadas línguas naturais (quando se desenvolvem naturalmente, de maneira não premeditada) e suas propriedades estruturais como complexas, sendo assim, os fatores que determinam suas combinações, devido a alta complexidade, não poderiam ser aprendidos pelas crianças em fase de desenvolvimento, mas na prática, não é isto o que acontece e, desde a primeira infância, os bebês dominam já em sua fase inicial do desenvolvimento seu idioma materno, isto porque, o ser humano, segundo o teórico, tem uma capacidade inata para o desenvolvimento de habilidades linguísticas,

A competência Linguística é a porção do conhecimento do sistema linguístico do falante que lhe permite produzir o conjunto de sentenças de sua língua; é um conjunto de regras que o falante construiu em sua mente pela aplicação de sua capacidade inata para a aquisição da linguagem aos dados linguísticos que ouviu durante a infância. (PETTER, 2003, p. 15).

Isto é, há um conhecimento linguístico primitivo, independente da escolarização, que as crianças muito pequenas já demonstram, o que se denomina Teoria Gerativa, como propôs Chomsky "[...] a explicação de algumas características particulares do conhecimento linguístico adquiridos e amplamente desenvolvido nos primeiros anos de vida de um ser humano" (NEGRÃO, SCHER E VIOTTI, 2003, p. 97), desta forma, preconizou que seres humanos nascem dotados da linguagem, de um componente cerebral dedicado à língua, partindo de uma capacidade inicial geral, chamada de gramatica universal, que vai se modificando de acordo com as experiências linguísticas oferecidas e a interação da criança nas comunicações verbais com os membros de sua comunidade mais próxima, para tanto, não há necessidade de estímulos específicos, apenas a inserção do pequenos no convívio comum.

2.2 PIAGET, VIGOSTSKY, E O DESENVOLVIMENTO INFANTIL

A inteligência prática em crianças (que compreende movimentos sistemáticos, percepção e o uso das mãos) pode ser percebida em bebês em torno de 6 meses de idade, consequentemente os esboços de uma fala inteligente também são parte do desenvolvimento cognitivo na fase inicial. Estas duas vertentes do desenvolvimento eram consideradas em separado pelos estudiosos, sendo assim, a princípio não se relacionavam.

Considerando o trabalho de Jean Piaget (1999), biólogo, psicólogo e epistemólogo suíço, sobre o desenvolvimento humano, em sua divisão do processo de maturação na infância, que compreende os estágios: sensório motor, pré-operacional, operacional concreto e operações formais – é possível constatar que a evolução de uma inteligência que culmina no simbólico e consequentemente na linguagem, prescinde de um amadurecimento do estágio sensório motor, ou seja, nesta etapa o bebê amadurece a compreensão do próprio corpo, dos objetos, do ambiente, desenvolvendo e ampliando sua capacidade de movimentação. A aquisição da linguagem, no entanto, partiria do estágio pré-operatório, começando em torno dos dois anos de idade, ou seja, as funções motoras desenvolvidas seriam um pré-requisito para o desenvolvimento da fala na fase seguinte da maturação.

Para Piaget o fator biológico é a base para o desenvolvimento cognitivo, nesse contexto, desenvolveu conceitos como adaptação, acomodação e assimilação, que são processos para internalizar fatores externos. Em linhas gerais, a assimilação é capacidade de internalizar um conteúdo do ambiente, enquanto a acomodação é um ajuste ao novo conhecimento, por fim, a adaptação acontece quando a criança passa para um nível mais complexo, ou seja, quando há o equilíbrio ente a assimilação e a acomodação.

Desta forma, pode-se concluir que Piaget entendia o cognitivo como uma adaptação, que organiza a função de estruturar o universo do indivíduo. Este conceito refere-se à relação entre o pensamento e os objetos, uma vez que a capacidade cognitiva irá construir mentalmente as estruturas capazes de serem aplicadas às do meio. O sujeito cognoscente constrói o real por meio da ação. Assim, ele os conceitos relacionados ao objeto, espaço, tempo e causalidade. (DIAS, 2010, p. 110).

As capacidades intelectuais são construídas na infância com base nos estágios de desenvolvimento e na interação com o mundo, assim, o pensamento e o comportamento infantil vão sendo elaborados.

É possível perceber da teoria piagetiana que há uma relação entre o desenvolvimento cognitivo e a linguagem, contudo, a evolução intelectual na infância também se conecta a processos subjetivos e individuais, o que não é considerado nos estudos do autor, "uma postura nesta perspectiva não abre espaço para a manifestação da singularidade na apropriação do objeto de

conhecimento e da linguagem" (DIAS, 2010, p. 117).

As contribuições de Piaget não atribuíram importância na relação entre fala e inteligência prática, apenas com os estudos de Lev Semionovitch Vigotski, psicólogo russo, é que o caráter simbólico ganha lugar como função organizadora tanto para o comportamento como no uso de instrumentos, tendo como premissa

[...] o momento de maior significado no curso do desenvolvimento intelectual, que dá origem às formas puramente humanas da inteligência prática e abstrata, acontece quando a fala e a atividade prática, então duas linhas completamente independentes de desenvolvimento, convergem. (VIGOTSKI, 1991, p. 20).

Para Vygotsky (1991) o desenvolvimento da fala é um marco, pois media a relação com o externo e organiza o comportamento, logo, é tão importante a ação e, juntas, fala e ação constituem uma função psicológica complexa; como quem usa um mapa, o uso da fala possibilita à criança realizar mais tarefas, diminuindo a ação impulsiva, pois pode planejar como executar atividades, manipular materialidades e controlar seu comportamento. Seria um movimento cíclico, o controle do comportamento começa antes pelo controle do ambiente, por intermédio da fala, produzindo novas relações tanto com o ambiente como uma nova organização do comportamento, o que mais tarde constitui a base do trabalho produtivo especificamente humano, que é o uso de instrumentos.

Em seus estudos de observação, os experimentos de Vigotski demonstraram dois fatores relevantes em relação à fala e à ação:

A fala da criança é tão importante quanto a ação para atingir um objetivo. As crianças não ficam simplesmente falando o que elas estão fazendo; sua fala e ação fazem parte de uma mesma função psicológica complexa, dirigida para a solução do problema em questão.

Quanto mais complexa a ação exigida pela situação e menos direta a solução, maior a importância que a fala adquire na operação como um todo. As vezes a fala adquire uma importância tão vital que, se não for permitido seu uso, as crianças pequenas não são capazes de resolver a situação. (VIGOTSKI, 1991, p. 21).

O autor conclui que o uso da fala é tão visceral como usar os olhos ou mãos, a junção de fala e ação, coloca-nos como sujeito e ao mesmo tempo objeto do nosso próprio comportamento, a princípio a fala segue a ação, para posteriormente determiná-la. Sendo assim, desde os primeiros dias de vida da criança, suas atividades tem significado, uma relação entre o bebê, os objetos e o ambiente, mediada por outras pessoas.

2.3 BEBÊS E A FALA

Segundo as correntes teóricas apresentadas anteriormente é possível constatar a importância da comunicação humana e sua presença desde a primeira infância, as capacidades linguísticas inatas e o meio como fator de estímulo de conhecimentos. Considerando tais pressupostos, temos o bebê como ser biológico, contudo, com um desenvolvimento não linear, ainda sim, pensar em estágios de desenvolvimento tem sua relevância, pois há etapas de desenvolvimento que precisam ser conquistadas para se estabelecer novas conexões. Além de funções naturais, fatores socioculturais interferem diretamente no desenvolvimento infantil.

O primeiro ano de vida de um bebê é crucial em seu desenvolvimento biológico e

psíquico, neste período o pequeno tem total dependência do cuidador, por isso, este momento deve ser visto com muito cuidado, uma vez que, a forma como são atendidas as necessidades do bebê, vai impactar seu comportamento,

O bebê vem ao mundo dotado de um aparato sensitivo que lhe permite perceber cheiros, sabores, acuidades tátil e auditiva. Entretanto, é nas relações com a natureza, com as pessoas e com a cultura que o psiquismo vai se formando. (REIS, 2020. P. 168).

Desde o início do desenvolvimento do bebê, a linguagem já dá indícios da sua presença, já no final do segundo mês de vida, o bebê está demonstrando interesse ao que acontece ao seu redor, esboçando sorrisos e chorando como meio de comunicação com seu cuidador, é neste sentido, que o pequeno é influenciado pelas relações sociais, ampliando sua percepção dos sons, seguida da visão, que vai corroborar suas relações. É assim, que reações involuntárias, instintivas vão dando lugar a atenção voluntária, neste ponto, a linguagem gestual e verbal do cuidador vão ser fundamentais para auxiliar o pequeno a centrar sua atenção.

Em relação à fala, tem-se um processo de desenvolvimento similar, em que se considera os gritos e balbucios como uma fala primitiva e reflexa, condicionadas pelas emoções, é o cuidador que vai dar significado as vocalizações do bebê, à medida que se comunica com o pequeno, vai ampliando sua capacidade comunicativa e suas memórias.

No primeiro ano de vida, o pequeno desenvolve o controle da musculatura da fala; as distinções fonéticas, analisando suas particularidades acústicas e perceptivas,

com base na entonação vocal dos adultos de referência, e a "[..]capacidade de detectar contrastes consonantais, por exemplo, sendo esta habilidade não apenas inata, mas característica do sistema auditivo dos mamíferos" (TRISTÃO E FEITOSA, 2023, p. 460). É também na relação com o outro, que a fala a princípio desconexa do pensamento, vai ganhando significado,

A inter-relação entre pensamento e fala no bebê dar-se-á pela mediação do outro, o adulto cuidador, que nomeia os objetos e lhe atribui significado. Quando o adulto cuidador, por exemplo, dá nome ao brinquedo chamando-o de bola, permite ao bebê o conhecimento acerca do nome desse objeto, e ao demonstrar para que serve a bola, o significa dentro de um contexto cultural. Assim, possibilita-se a interlocução entre pensamento e fala. (REIS, 2020, p. 172)

Aos poucos o bebê vai compreendendo o nome dos objetos e suas funções dentro da cultura, no primeiro ano de vida tendo o adulto como centro deste processo, pois é por meio dele que o pequeno tem acesso aos bens culturais. Durante o período do sexto ao nono mês de vida, os balbucios se intensificam, "os bebês já aos seis meses de idade mostram-se atentos às características prosódicas da fala que ouvem e aos oito meses demonstram interesse por padrões sonoros mais longos, como sequências silábicas" (EIMAS, 1985, apud TRISTÃO E FEITOSA, 2023, p. 460).

Em torno de 1 e 2 anos, as palavras deixam de ser apenas sons sem sentido, para possuir significado, entrelaçando fala e pensamento, representando o mundo, ou seja, a fala constrói conceitos, vocabulário e memórias, "comanda as demais funções superiores – como a atenção, a percepção e, mais tarde, a imaginação e o controle da própria conduta – pela possibilidade de planejar uma ação" (REIS, 2020, p. 174).

A fala e a disponibilidade para com o bebê são chaves no processo de comunicação com os pequenos, pois o adulto, como referência de experiência, vai dar significado as iniciativas comunicativas dos bebês, quando às responde, está reconhecendo as necessidades dos pequenos e possibilitando que a comunicação aconteça. "E como resultado da comunicação, os participantes constroem representações de si mesmos e sobre os outros e, também sua própria valorização e dos outros." (LISINA, 1987. Apud REIS, Marcia Regina dos, 2020, p. 175).

2.4 CONTRIBUIÇÕES DA ESCOLA PARA O DESENVOLVIMENTO DA FALA

Há uma interdependência entre pensamento e linguagem, em que a palavra vai mediar as relações humanas, consequentemente, o processo de comunicação requer instrumentos linguísticos responsáveis por presentar as experiências sociais e os conhecimentos construídos, por isso, cabe à Educação Infantil promover e ampliar ações educativas que favoreçam o desenvolvimento do pensamento, da linguagem e da fala.

No contexto das instituições de ensino no atendimento de bebês, cabe aos educadores práticas pedagógicas que incentivem o desenvolvimento das habilidades linguísticas por meio da interação, uma vez que, nos primeiros anos de vida, o contato com o cuidador vai favorecer ao bebê a capacidade de se apropriar dos conhecimentos do cotidiano, que serão determinantes para perceber o seu entorno. Como já descrito no tópico anterior, o adulto nomeia os objetos e suas funções e, aos poucos, o bebê vai dando significado e entendendo aspectos da cultura em que está inserido.

Assim, o processo de desenvolvimento da fala em bebês está diretamente ligado à sua interação com o adulto, responsável em apresentar o mundo, começando pela construção do vínculo afetivo com o pequeno, que se caracteriza em aspectos do cotidiano que envolvem os cuidados básicos com os recém-nascidos, isto é, atendendo suas necessidades biológicas, contudo, realizando estas ações de forma qualificada, conversando com o bebê, mostrando por meio da linguagem verbal e gestual o que está fazendo em todos os momentos de interação com o pequeno, durante o banho, troca de fralda, alimentação e demais cuidados diários.

As atividades compartilhadas durante os cuidados cotidianos são percebidas pelo bebê como ações que se repetem e, com o tempo, passam a ser previsíveis. Se o adulto nomeia o que está sendo feito e antecipa o que acontecerá em seguida, facilita o início da construção de imagens em sua mente – as primeiras representações mentais –, base do pensamento. As codificações e decodificações de sinais e gestos antecipadores se transformarão, mais tarde, na linguagem verbal. (FALK, 2021, p. 22).

Nesse sentido, Falk (2021) esclarece que o educador deve estar presente na ação com o bebê, seus gestos devem ser sutis, sua voz agradável, estabelecendo um diálogo com o pequeno e olhando-o nos olhos, as mãos que tocam devem igualmente ser gentis e se movimentarem num ritmo compatível com o bebê. Desta forma, o adulto incentiva a reciprocidade e a colaboração da criança nos cuidados diários, passa a atribuir significado nos gestos do bebê por meio da linguagem, consequentemente vai fundamentando a constituição psíquica do pequeno, que conforme vai crescendo, percebe sua colaboração, principalmente quando é valorizada, e, logo, passa a participar voluntariamente.

Reis (2020) destaca que ação dos educadores também é de atrair o bebê, isto é, de chamar sua atenção para o adulto, para que assim, o pequeno percebe as expressões faciais e os movimentos de articulação da fala, primeiro passo, para a imitação futura, sendo assim, conversar é um elemento fundamental para incentivar o desejo dele por falar e se comunicar, bem como, para que possa se apropriar das experiências socioculturais. Para tanto, a autora ressalta que o educador precisa reconhecer o bebê como sujeito ativo na situação comunicativa e não um mero espectador, de forma a ir significando as vocalizações do bebê, pronunciando as palavras de forma correta, sem o uso de diminutivos, abreviações ou infantilizações, uma vez que, "a atividade comunicativa é complexa, pois funções psíquicas superiores como a percepção, a atenção, a memória e o pensamento devem estar em desenvolvimento para que ela aconteça. (REIS, 2020, p. 180).

Retomando as referências apresentadas anteriormente, podemos inferir que na educação de bebês, as práticas cotidianas realizadas de maneira respeitosa e com a participação dos pequenos são fundamentais para o desenvolvimento do pensamento, da linguagem e da fala.

Estas ações não excluem propostas pedagógicas que promovam o acesso aos bens culturais acumulados pela humanidade ou mesmo que incentivem o desenvolvimento sensorial e motor dos bebês. É possível entender o caráter complementar dos recursos apresentados para que a escola possa promover o desenvolvimento das potencialidades dos bebês, que se iniciam em fatores biológicos e culminam em fatores socioculturais e psicológicos, sempre com a mediação do adulto referência.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O humano recém-nascido é dotado de inúmeras potencialidades, o desenvolvimento de uma série de capacidades depende diretamente dos cuidados destinados ao bebê, que garantem sua sobrevivência biológica e sua inserção na complexa teia das relações sociais.

Já nos primeiros meses de vida é possível verificar reações sociais nos bebês, numa comunicação social que não se apresenta verbalmente inicialmente, mas sim por gestos e balbucios, os pequenos também ficam muito atentos as expressões faciais e vozes dos seus cuidadores, respondendo a estas a princípio de maneira reativa e, posteriormente de acordo com os estímulos recebidos, voluntariamente.

Assim, o desenvolvimento da ação comunicativa em bebês prescinde ao domínio da fala, baseia-se nas relações sociais, na função do outro, a princípio no pequeno círculo familiar do pequeno e mais tarde estendendo-se a outras instituições que o bebê venha a frequentar, como por exemplo, a escola.

Há um processo de passagem de ser primitivo para ser cultural, em que o desenvolvimento da comunicação ocorre no ambiente social, iniciando na satisfação de necessidades biológicas, passando para um desenvolvimento sociocultural e psicológico, ou seja, o que era natural e biológico é acrescido das funções psíquicas superiores, logo, as ações de cuidado, possibilitam o surgimento de uma linguagem verbal, pois à medida que o adulto interage com o bebê vai dando significado aos sons, atribuindo função aos objetos – inserindo o pequeno na cultura humana.

A ambientação social traz à tona a capacidade humana para a aquisição da linguagem, conforme apresentada anteriormente por corrente teóricas da linguística, o ser humano tem uma habilidade inata para apreensão da linguagem, o que se justifica quando bebês e crianças pequenas demonstram dominar aspectos complexos da sua língua materna e da comunicação humana.

Há ainda uma relação entre o desenvolvimento da fala e da inteligência prática, para além dos estágios de desenvolvimento infantil, mas na ideia de organização por meio da fala e do pensamento, num processo em que se pode perceber a importância do caráter simbólico, que tem uma função organizadora para o comportamento, que como esclarece Vigotski (1991), um marco do desenvolvimento intelectual está na junção entre fala e atividade prática. Assim, a fala media a ação, possibilitando o controle, o planejamento e o aprimoramento de materiais.

Dados os contextos de desenvolvimento infantil para aquisição da linguagem e da fala, é fundamental refletir sobre processos educativos que favoreçam o processo de comunicação dos bebês, pensando ainda, que estes ingressam cada vez mais cedo em instituições de ensino, as creches ou escolas de educação infantil têm grande responsabilidade em oferecer aos pequenos as melhores condições de desenvolvimento.

Profissionais da educação, professoras e professores atuando em turmas de berçário têm grande relevância no processo de desenvolvimento de bebês, uma vez, que as ações cotidianas com bebês, compreendendo os cuidados diários e os momentos de interações configuram-se como ações educativas muito potentes, desde que tenham como premissa a visão do bebê como um sujeito ativo, capaz de influenciar e mudar o contexto em que está inserido e igualmente alguém ativo na atividade comunicativa, que demonstra suas necessidades e impressões.

Na cena educativa, o adulto/professor referência ao responder as necessidades do bebê, incentiva o processo de comunicação e interação e, à medida em que essa relação se amplia, passa a ser modelo de padrão de fala e de comportamento, por isso, o trato do adulto com os bebês deve ser gentil, respeitoso, considerando a participação dos pequenos nas ações tomadas.

Propostas pedagógicas que ampliem o acesso aos bens culturais acumulados pela humanidade enriquecem as interações e a apropriação dos pequenos da cultura a que pertencem. Portanto, cabe ao docente promover também o contato dos bebês com as produções culturais que são transmitidas por meio da linguagem verbal, como também, de produções que incentivem o desenvolvimento dos demais sentidos, sensações e percepções sensoriais e motoras, uma vez que, as vivências que ocorrem no ambiente escolar vão também impulsionar o desenvolvimento da capacidade comunicativa dos bebês.

REFERÊNCIAS

CHOMSKY, Noam. Reflexões sobre a linguagem. São Paulo: Cultrix, 1980.

DIAS, Fernanda. O desenvolvimento cognitivo no processo de aquisição de linguagem.

Letrônica, Porto Alegre. RS, v.3, n.2, p. 107-119, dez. 2010.

FALK, Judit (org.). Educar os três primeiros anos: a experiência Pikler-Loczy. São Paulo:

Omnisciencia, 2021.

NEGRÃO, Esmeralda; SCHER, Ana e VIOTTI, Evani. A competência linguística. In: FIORIN,

José Luiz (org.). Introdução à Linguística. São Paulo: Editora Contexto, 2003, v.1, p. 95-121.

PIAGET, Jean. Seis estudos de psicologia. Rio de Janeiro: FORENSE UNIVERSITARIA, 1999.

PETTER, Margarida. Linguagem, língua, linguística. In: FIORIN, José Luiz (org.). Introdução à Linguística. São Paulo: Editora Contexto, 2003, p. 11-25.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de (org). O trabalho do professor na Educação Infantil. São Paulo: Biruta, 2012.

REIS, Marcia Regina dos. O bebê e o desenvolvimento da fala. In: SILVA, José Ricardo, SOUZA, Aparecida Marques, MELLO, Suely Amaral e LIMA, Vanilda Gonçalves de (orgs.). Educação de Bebês: cuidar e educar para o desenvolvimento humano. 2. ed. São Carlos:

Pedro & João Editores, 2020, p. 165-182.

SCHIRMANN, Jeisy Keli et al. Fases de desenvolvimento Humano segundo Jean Piaget. CONEDU: VI Congresso de Educação. Ceará, out. 2019.

SOARES, Suzana Macedo. Vínculo, movimento e autonomia: educação até 3 anos. São Paulo: Omnisciencia, 2020.

TRISTÃO, Rosana Maria e FEITOSA, Maria Angela Guimarães. Percepção da fala em bebês no primeiro ano de vida. Estudos de Psicologia, Brasília, v.8, n.3, p. 459-567, 2003.

VIGOTSKI, L.S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1991.